

# **Dr. David deSilva , O Mundo Cultural do Novo Testamento, Sessão 4, Lendo Hebreus, Sintonia com Patrocínio e Reciprocidade**

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre O Mundo Cultural do Novo Testamento. Esta é a quarta sessão, Lendo Hebreus, em sintonia com o patrocínio e a reciprocidade.

Nesta palestra, examinaremos atentamente a carta aos Hebreus, aplicando o que aprendemos na palestra anterior sobre o contexto cultural do patrocínio, da amizade e da reciprocidade.

Uma surpreendente atenção é dada a esses tópicos na chamada carta aos Hebreus. Deus é apresentado em termos de ser um patrono da comunidade cristã como, é claro, do mundo de forma mais ampla. A linguagem da graça não parece apenas encerrar esta carta.

Estamos familiarizados com a graça esteja com todos vocês, sendo uma forma familiar pela qual Paulo e outros membros da equipe de Paulo, como o autor de Hebreus, encerram suas correspondências. Em vez disso, o favor e a graça de Deus são temáticos em toda a chamada carta. Digo as chamadas cartas porque elas realmente se parecem mais com um sermão do que com uma carta.

Pense em como tudo começa, não com a graça e a paz desta congregação, mas sim com uma abertura sonora digna dos maiores pregadores da herança cristã. E só termina como uma carta, mas a maior parte é ouvida como um sermão. Até o autor fala sobre o que está dizendo e o que estão ouvindo, ao contrário do que ele escreve até o final.

Mas o favor de Deus emerge ao longo da carta. É mostrado na encarnação e na morte do filho. Em Hebreus 2.9, lemos que Cristo provou a morte por todos pela graça de Deus como uma expressão do desejo de Deus de beneficiar o povo.

O autor fala sobre terem acesso à ajuda de Deus ao longo de sua jornada. Ele escreve: Vamos então, com confiança, aproximar-nos do trono da graça para que possamos receber misericórdia e encontrar graça para ajudar em momentos de necessidade. O próprio trono de Deus é considerado uma fonte de assistência.

É o lugar onde quando precisamos de algo para perseverar em nossa jornada, sabemos exatamente para onde ir e sabemos que obteremos a ajuda que precisamos. Deus concedeu muitos presentes a esses discípulos. Em 6:4-5, lemos que

eles desfrutaram dos dons de terem sido uma vez iluminados, de terem provado o dom celestial, de terem recebido uma parte do Espírito Santo, de terem provado a bondade da palavra de Deus e dos poderes do idade que está por vir.

E Deus ainda tem mais para dar aos crentes. O autor exorta-os a garantir que ninguém deixe de obter o dom de Deus, a graça de Deus. Ao longo de Hebreus, o autor apresenta aos ouvintes os benefícios que Deus ainda tem para eles no futuro.

A promessa de entrada no lugar de descanso de Deus em 4:1, a promessa de uma pátria celestial em 11:16, a promessa de uma cidade permanente em 13:14, a promessa de um reino inabalável em 12:28, a promessa de entrando no próprio céu em 9:24, o reino divino que está além da terra visível e dos céus visíveis, aquele reino divino no qual Jesus já entrou como precursor em nome dos discípulos. E nesse lugar, eles desfrutariam da promessa de bens melhores e duradouros guardados para eles no reino permanente, de acordo com Hebreus 10.34. Não apenas Deus é apresentado como um benfeitor ou, na verdade, um patrono pessoal em Hebreus, mas Jesus também o é. Embora a obra de Jesus também tenha sido uma manifestação do favor de Deus, foi, de fato, o Filho quem deu a vida para redimir e restaurar os discípulos.

Assim, lemos em Hebreus 2:9 que Jesus foi coroado de glória e honra por causa do sofrimento da morte, para que, pela graça de Deus, ele pudesse provar a morte em nome de todos. E depois, do outro lado, no encerramento do sermão, Jesus também sofreu fora da porta para santificar o povo com o seu próprio sangue. Do início ao fim, o autor relembra o custo do favor de Jesus para com os ouvintes.

O Filho também procura ajudar os discípulos. Ele é apresentado como alguém que ajuda os discípulos em Hebreus 2.16-18. Não são os anjos que o Filho ajuda, mas ajuda a descendência de Abraão. Portanto, ele tinha que ser semelhante aos seus irmãos em todos os aspectos, para que pudesse se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel no serviço de Deus, para fazer propiciação pelos pecados do povo.

Porque ele mesmo sofreu quando foi tentado, ele é capaz de ajudar aqueles que estão sendo tentados. Imediatamente antes disso, lemos que o Filho deu o dom da liberdade do medo da morte e da escravidão que resulta desse medo. Portanto, visto que os filhos participam da carne e do sangue, ele também participou das mesmas coisas, para que pela morte destruísse aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos aqueles que por medo de morte estavam sujeitos à escravidão vitalícia.

Dessas muitas maneiras, o autor apresenta Jesus como um benfeitor que deu o máximo de si e alcançou grandes dádivas, conferiu grandes dádivas aos ouvintes. Mas é a mediação de Jesus que mais chama a atenção do autor de Hebreus . Ele é

apresentado, na maior parte, como um grande sumo sacerdote simpático que infalivelmente assegura ajuda oportuna de Deus, o Pai, para os crentes.

Por exemplo, em 4:14-16, lemos: Desde então temos um grande sumo sacerdote que passou pelos céus, Jesus, o Filho de Deus. Mantenhamos firme a nossa confissão, pois não temos um sumo sacerdote que seja incapaz de simpatizar com as nossas fraquezas, mas alguém que foi tentado em todos os aspectos como nós, mas sem pecado. Aproximemo-nos então com confiança do trono da graça, para que possamos receber misericórdia e encontrar graça para ajuda em tempo de necessidade.

Assim, nesta passagem, o autor fala de Jesus não apenas como um corretor. Lembre-se de como falamos sobre os padres como construtores de pontes, não apenas como intermediários entre Deus e a humanidade, mas como alguém que realmente entende, por um lado, o que é ser humano e os tipos de lutas e desafios que enfrentamos como um ser humano. humano e, ao mesmo tempo, alguém que sabe o que é ser o Filho de Deus sem pecado e que, portanto, é um lugar melhor do que qualquer outro para garantir o favor de Deus, pois ele permanece imaculado e perfeitamente belo aos olhos de Deus em nosso favor. . Assim, o autor também afirma que Jesus é capaz de salvar perfeitamente aqueles que se aproximam de Deus através dele por meio de sua mediação e intermediação, uma vez que ele sempre vive agora para interceder por eles. O autor refletirá longamente nos capítulos 7:1 a 10:25 sobre como Jesus faz a mediação entre os seres humanos e Deus, reparando o relacionamento rompido e permitindo que os seres humanos fiquem diante de Deus na expectativa do favor divino, em vez da expectativa de julgamento e fúria.

Se você lesse esses capítulos novamente com isso em mente, veria o quanto de Hebreus está preocupado em pensar sobre o trabalho deste construtor de pontes, Jesus, este Pontífice, este grande sumo sacerdote. O autor dá igual atenção à obrigação de gratidão que os crentes têm para com Jesus e para com o Deus Pai, e a atenção que o autor dá para ajudar os crentes a encontrar a motivação que precisam para responder a Deus por gratidão, em vez de responder aos desafios que os enfrentam neste momento. Como vimos em nossa terceira palestra, nosso antigo leitor compreenderia bem o apelo do autor por uma resposta adequada.

Poderíamos procurar em Hebreus 12.28 um exemplo disso, embora existam vários. Vemos que o autor considerará o fato de ser beneficiado por Deus como base para algum chamado à ação. Visto que estamos recebendo um reino inabalável, mostremos gratidão por meio da qual serviremos a Deus de uma maneira que lhe agrada, com reverência e temor piedoso.

Na verdade, o grego aí é *echomen kharen* , tenhamos graça, é uma forma de traduzir isso de maneira rígida, mas neste contexto, o contexto de apontar para o fato de que estamos recebendo um grande presente, *khares* deve significar o outro lado de

mostrar favor, é retribuir obrigado nesse contexto. Já que estamos recebendo este presente incrível de um reino inabalável, demonstremos gratidão. E essa gratidão é a maneira pela qual ofereceremos serviço a Deus de uma maneira agradável.

Além disso, em 10:19 e seguintes, o autor diz, já que temos a ousadia de entrar nos lugares santos através do sangue de Jesus, já que temos este privilégio, este privilégio sem precedentes na história do trato de Deus com a humanidade, façamos isso. algo em resposta, aproximemo-nos, aproveitemos o dom que nos foi dado e apeguemo-nos firmemente à nossa confissão sem vacilar, porque quem prometeu é fiel. Portanto, o autor recorre novamente a scripts de reciprocidade reconhecíveis. Recebemos este grande presente; é pecado não aproveitar isso, deixar de nos aproximar de Deus, por exemplo, indo para a floresta porque temos medo do próximo, e vamos nos agarrar a isso com firmeza por causa do seu valor, vamos segurar firmemente em nossa confissão, nosso testemunho deste Deus e de seus benefícios inabalavelmente.

Agora, o autor dirige-se aos destinatários que enfrentam o desafio de continuar ou não nesta relação de graça com Jesus e com o Deus que ele representa. A situação do destinatário parece ser muito semelhante à situação enfrentada em 1 Pedro. Portanto, tudo o que o autor disse sobre as experiências do público de ser dotado por Deus, de ser agraciado por Deus e de desfrutar da intermediação de um mediador como Jesus provou ser, faz parte do seu enquadramento dos desafios que o público para que dêem uma resposta fiel em meio a esses desafios.

Sabemos algumas coisas sobre o público, não muito, mas algumas coisas do próprio sermão. Sabemos que eles foram convertidos como resultado de ouvirem o evangelho proclamado e experimentarem a confirmação de Deus da mensagem do evangelho nas manifestações do Espírito Santo. Encontramos isso no capítulo 2, versículos 3 a 4, e de fato, a imagem que o autor nos dá ali é muito semelhante à imagem que Paulo nos dá de sua missão em Gálatas 3:2 a 5, e 1 Coríntios 2: 1 a 5, que é apenas outro tipo de conexão ou outra razão para pensar que este sermão aos Hebreus vem de um membro da equipe de Paulo e aborda o mesmo tipo de experiência que os convertidos da missão de Paulo tiveram.

Sabemos que eles foram cuidadosamente socializados numa nova maneira de pensar sobre a sua vida passada e a sua decisão de conversão, e o quadro escatológico do julgamento de Deus como a crise por excelência para se prepararem e sobreviverem. Em 6:1 a 2, encontramos uma espécie de catecismo de tópicos que faziam parte de sua formação fundamental: arrependimento de obras mortas, fé em Deus, julgamento eterno e assim por diante. E também sabemos que, em algum momento no passado, eles experimentaram intensamente a rejeição e a hostilidade dos seus vizinhos não-cristãos.

E aqui vou ler um texto do capítulo 10, versículos 32 ao 34, onde o autor relembra essas experiências passadas. Lembre-se dos primeiros dias em que, depois de ser iluminado, você enfrentou uma dura competição com o sofrimento. Você foi publicamente exposto a censuras e aflições.

Vocês também se tornaram parceiros daqueles que foram assim tratados. Pois você mostrou simpatia pelos presos e aceitou com alegria a apreensão de seus bens, sabendo que possuía bens melhores e duradouros. Como exploramos juntos na primeira e na segunda palestras, a imposição pública da desgraça, da vergonha, foi a principal estratégia para exercer o controle social.

Os membros da sociedade em geral em torno deste grupo de cristãos que cresciam no seu meio estavam a tentar corrigir o que consideravam conhecimento e comportamento desviantes no seu meio. E, claro, para dissuadir outros de se sentirem atraídos a aderir a este grupo desviante. O desafio apresentado refletido ao longo do sermão tem a ver com desistir de Deus diante da pressão social.

Em 10:24 e 25, descobrimos que alguns membros desta comunidade ou destas comunidades já abandonaram a reunião. O autor acredita que existe o perigo de se afastar por causa destas pressões sociais e por causa do custo de continuar a viver agora como membros marginalizados e desvalorizados desta cultura, residentes nesta cidade. Por causa desses desafios, todos na comunidade enfrentam o perigo de se afastarem da mensagem que ouviram na sua conversão, de negligenciarem a mensagem falada por Jesus e certificada por Deus.

Tudo isso pode ser encontrado em textos bíblicos específicos, por exemplo, em 2:1 e 2:3 a 4. Existe o perigo de deixar de confiar no Deus vivo, afastando-se do Deus vivo através da desconfiança no capítulo 3, versículos 12 a 13. O autor sugere que há o fracasso em não conseguir entrar no lugar de descanso prometido no capítulo 4, versículo 1. Há o perigo de falhar, da mesma forma que a geração do deserto ficou aquém da terra prometida por causa de uma falha de confiança em 4:12. Novamente, no final do sermão, o autor fala sobre o perigo de ficar cansado ou desanimar ou, novamente, de não alcançar o dom de Deus em 12:3 e 12:15. Provavelmente na passagem de advertência mais famosa de Hebreus, Hebreus 6:4 a 8, o perigo de deixar de dar frutos para Deus através da persistência e do investimento contínuo uns nos outros. Se for verdade que a ênfase repetida num documento antigo nos mostra o que está realmente no cerne do problema que está sendo abordado, vemos que a ênfase generalizada de Hebreus recai sobre a questão da perseverança.

Será que estes discípulos sucumbirão a uma hesitação no compromisso, ou continuarão a avançar na mesma direção em que começaram quando se juntaram pela primeira vez ao movimento cristão com a mesma ousadia confiante que demonstraram anteriormente quando os seus vizinhos os rejeitaram no formas mais

ferozes que eles parecem ter experimentado? À medida que alguns indivíduos nestas igrejas ou nesta congregação em particular se tornaram mais conscientes do preço do que do prêmio, começaram a afastar-se da associação aberta com a comunidade cristã. Isso se reflete em 10:24 e 25. Para os vizinhos não-cristãos, uma retirada desse tipo seria vista como uma coisa boa, como um passo em direção à recuperação que seus vizinhos teriam sido rápidos em afirmar.

Existe uma saída para a vergonha. Há uma saída para a desgraça nessas situações. Ora, o autor provavelmente não sabe em primeira mão até que ponto é generalizada ou profunda esta hesitação no compromisso, mas vê os sinais de alerta na actividade de muito poucos, bem como os sinais de alerta na falta de vigor com que a comunidade foi atrás de poucos ou tentou dissuadir os poucos de desertar e retornar ao seio da sociedade anfitriã.

Assim, a estratégia do autor, a sua estratégia pastoral, é focar os ouvintes no que já receberam de Deus, nos benefícios que obtiveram e no que têm em Jesus, para despertar gratidão e compromisso, para continuar respondendo com gratidão, e despertar o medo de mostrar ingratidão a um benfeitor tão generoso, mas também tão poderoso. Então, vamos pensar juntos sobre Hebreus como um todo, como um chamado para uma resposta grata e para mostrar a devida gratidão pelo imenso favor. O autor convida os ouvintes ao longo deste sermão a continuarem a honrar seu patrono, testemunhando o que receberam de Deus, o que ainda esperam receber de Deus e, portanto, testemunhando sua conexão com Deus através de Jesus Cristo. .

Em 10:19 a 23, mais uma vez, lemos, já que temos a ousadia de entrar nos lugares santos pelo sangue de Jesus, apeguemo-nos firmemente à profissão de nossa esperança sem vacilar, porque aquele que prometeu é fiel. No versículo seguinte, ele diz, não deixem de se reunir, como é hábito de alguns. Assim, nesta passagem, o autor está convocando os ouvintes a continuarem testemunhando e, assim, honrando seu patrono divino, mostrando-se abertamente relacionados a esse patrono, e não se envergonhando dessa conexão com esse patrono divino através do Filho, Jesus Cristo.

Há uma razão social para ter vergonha dessa conexão. Perdeu-lhes a honra aos olhos dos seus vizinhos. Custou-lhes o seu estatuto na sua cidade e na sua comunidade.

Mas o autor diz que presentes caros merecem gratidão e lealdade caras. Pouco depois, ele dirá, lembrando os tempos passados, lembrando a ousadia que você teve quando a sociedade ao seu redor caiu sobre você, te envergonhou, te insultou, te repreendeu, você não cedeu. foi o seguinte: mesmo que você não tenha sido alvo dos seus vizinhos, você fez de tudo para mostrar solidariedade com os cristãos que foram alvo.

Então, você pintou um alvo nas suas costas. Você estava tão confiante em Jesus que quando seus amigos cristãos foram presos, provavelmente sob algum tipo de acusação capciosa, o sistema legal poderia ser muito bem manipulado pelo ódio de grupo no mundo antigo. Você não se conteve para não ser atacado. Você foi até eles e recebeu sua ajuda, assistência, comida, companhia e incentivo e, assim, também pintou um alvo amplo em suas costas.

Portanto, diz o autor, não jogue fora a sua ousadia, pois ela traz uma grande recompensa. Ousadia aqui, em grego, *parousia*, é um termo reconhecível para expressar o que pensa, para se apegar e dar voz às suas convicções. A *Parousia* era uma virtude na democracia grega.

Foi o que as pessoas livres fizeram numa democracia. E foi o que fizeram pessoas corajosas face à tirania que tentaram silenciar a resistência ou opiniões alternativas. E assim, o autor está dizendo, continue mostrando esse tipo de *parousia* através de suas ações, através de suas conexões com seus companheiros cristãos, através de sua recusa em ser intimidado pela tirania dos não-cristãos ao seu redor.

E ele escreve no final do sermão de 1315, através de Jesus Cristo, continuemos oferecendo a Deus um sacrifício de louvor, isto é, o fruto de lábios que professam o nome de Deus. Aqui ele está falando sobre um tipo de resposta, um tipo de retorno que o destinatário dos favores divinos pode dar ao Deus que de nada precisa. Podemos pelo menos continuar contando às pessoas o que Deus nos deu.

Podemos continuar professando a bondade desse Deus, mesmo quando isso custa caro. Então vamos continuar fazendo isso, diz o autor. Esta profissão de gratidão e de ligação assume a forma de continuar a reunir-se publicamente com a assembleia cristã, isto é, com o círculo dos clientes de Deus em Jesus Cristo.

E já vimos esse versículo juntos. O autor apela à lealdade contínua a Jesus, embora essa lealdade seja reconhecidamente dispendiosa. Vimos que Sêneca falou sobre isso como parte do espírito da reciprocidade.

Vou permanecer fiel ao meu patrono ou ao meu amigo, mesmo quando isso me levar a lugares de vergonha social ou marginalização. O autor de Hebreus pede exatamente a mesma coisa. Jesus sofreu fora das portas para consagrar o povo com seu próprio sangue.

Portanto, saiamos do acampamento até ele, levando consigo a desgraça que ele carregou. O que faz parte desta retribuição de gratidão que devemos ao Filho, que não só deu a sua vida por nós, mas deu a sua vida de uma forma que também abriu mão de toda a sua honra aos olhos da sociedade? Devemos a ele fazer o mesmo e devolvemos isso a ele. Esse é o custo da lealdade que devemos.

Então, se a nossa lealdade a Jesus significa que agora estamos fora do acampamento, que fomos socialmente expulsos das nossas antigas redes e da nossa cidade, isso faz parte de simplesmente retribuir a Jesus como ele nos foi dado. Esse não é um preço muito alto a pagar. É o que lhe devemos.

Este é um script de reciprocidade direto. O mesmo pode ocorrer em outra passagem em Hebreus, Hebreus 12, três a quatro, onde o autor escreve, considere-o, Jesus, que suportou tamanha hostilidade dos pecadores contra si mesmo, para que você não se cansasse ou desanimasse. Na sua luta contra o pecado, você ainda não resistiu a ponto de derramar o seu sangue.

A lógica subjacente pode ser pensar no que Jesus suportou por você. Você ainda não começou a ir lá por ele. Ele foi crucificado por sua causa.

Ele foi submetido à desgraça final por sua causa. Você ainda não derramou uma gota de sangue por ele. Então nem pense em desistir dele.

Isso seria vergonhoso. Isso seria falhar miseravelmente em sua obrigação para com seu patrono. O autor também incentiva a confiança contínua em um benfeitor confiável.

Se os cristãos desertassem agora, estariam, na verdade, dizendo o que Deus prometeu: ou Deus não entregará ou não vale a pena apegá-lo. Prefiro ter a amizade dos meus vizinhos não-cristãos. O autor chama os hebreus ao contrário, a continuarem confiando em Deus mesmo que demore algum tempo para chegar aos benefícios prometidos para o futuro.

Então, ele escreve em 3:12, cuidado, irmãos e irmãs, para que não haja em nenhum de vocês um coração perverso e desconfiado, que se manifesta no afastamento do Deus vivo. Porque você não fez isso, você não estava confiante na capacidade de Deus de levá-lo ao bom fim prometido dos benefícios que ele tem para você. E em 6:12, ele exorta, não nos tornemos preguiçosos, mas sim imitadores daqueles que, através da confiança paciente, herdaram o que Deus prometeu.

Ao longo do sermão, essas injunções são para continuar confiando, continuar mostrando paz e ter fé no Deus que prometeu emergir. Por exemplo, em 10:23, apeguemo-nos firmemente à profissão da nossa esperança, sem vacilar. Por que? Para quem prometeu é confiável.

E um pouco mais adiante, no capítulo 10, não pertencemos à companhia daqueles que recuam para a destruição, mas pertencemos à companhia daqueles que confiam na segurança de nossas almas. Isto leva então ao famoso capítulo sobre a fé em Hebreus, Hebreus 11, que fala tudo sobre como as pessoas que confiaram na promessa de Deus agem neste mundo, e que também dá testemunho do louvor e

fama, honra essencialmente eternos, que vieram a essas pessoas, certo? Só falamos sobre Abraão, Moisés e os outros heróis da fé naquele capítulo porque eles confiaram em Deus e não desistiram de confiar em Deus quando parecia que teriam que abraçar um status inferior por algum tempo, como Abraão se tornou um peregrino quando ele sentia-se perfeitamente à vontade em Ur dos Caldeus e ali tinha uma vida estabelecida.

Ou Moisés, que deixou o palácio do Faraó para participar nos maus tratos infligidos ao povo de Deus. Até o famoso ditado, quer dizer, quando eu era criança, o único versículo de Hebreus, bom, dois versículos de Hebreus eu memorizei, né? Hebreus 11, 1, e então este, Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre, ou na eternidade. Mesmo essa afirmação, aquele versículo famoso, é uma afirmação sobre confiança e confiabilidade.

Não se trata realmente da eternidade do Filho de Deus. É sobre o fato de você poder contar com Jesus para fazer amanhã o que prometeu ontem. Dion Crisóstomo, que foi orador e estadista, e depois de seu exílio, filósofo, que morreu provavelmente por volta de 120 d.C. , se não me falha a memória, escreveu que a razão pela qual temos dificuldade em confiar nas pessoas é que nunca sabemos se uma pessoa provará ser o mesmo amanhã como foi hoje.

Nesse ambiente, esta afirmação sobre Jesus é uma afirmação sobre poder contar com Jesus. Sabemos que ele é hoje o mesmo que era ontem e sempre será assim. O que ele prometeu, qual é o seu caráter e o que ele fará por nós e deseja fazer por nós nunca mudará.

Essa é a base sobre a qual podemos continuar construindo. Portanto, todos esses versículos tratam de continuar a confiar e, portanto, permanecer leais ao patrono divino e ao corretor, o mediador, Jesus. O autor também exorta os ouvintes a continuarem oferecendo a Deus e a Cristo o serviço que lhes é devido.

Novamente, como acontece com o cliente socialmente inferior e com o patrono social, política e economicamente superior, o cliente realmente não pode retribuir um favor em espécie, mas o cliente pode fazer coisas pelo patrono que nunca corresponderão ao presente dado, mas corresponderá pelo menos ao espírito de favor mútuo que deveria existir, ao espírito de tentar promover os interesses do outro que deveria existir neste tipo de relacionamento. E assim é com Deus. Todos os antigos, sejam eles greco-romanos, judeus ou cristãos, sabem que nunca poderemos retribuir a Deus ou aos deuses pelas dádivas que nos foram dadas por eles.

Mas isso não nos liberta da obrigação de lhes dar toda a honra, toda a adoração e serviço que pudermos. Assim, tendo acabado de pedir o sacrifício de louvor, de continuar a dar testemunho de Deus e assim aumentar a honra de Deus no mundo

incrédulo, logo a seguir, diz o autor, não esqueçamos de fazer o bem e de partilhar o que temos, pois sacrifícios desse tipo são agradáveis a Deus, como Hebreus 13.16. Não podemos dar nada a Deus porque ele não precisa de nada, mas Deus adora quando damos uns aos outros conforme alguém precisa. E assim, podemos oferecer a Deus como uma retribuição a Deus, como uma espécie de pequeno retorno pela sua generosidade, que podemos dar uns aos outros.

Podemos oferecer ajuda. Podemos oferecer recursos materiais conforme qualquer irmã ou irmão precisar. E Deus considera isso como um presente para ele, um sacrifício que será agradável aos seus olhos.

Anteriormente, em Hebreus 6:10, o autor diz: Deus não é injusto a ponto de ignorar o seu trabalho e o amor que você demonstrou por seu nome ao servir aos santos, como você ainda faz. Aqui, o autor chama a atenção para o fato de que o que os cristãos fazem uns pelos outros porque experimentaram o amor de Deus, e porque o amor de Deus os impele, ou o amor de Cristo os impele, Deus sabe que esse tipo de assistência e apoio mútuos são dados como um presente a Deus. E ele não é um Deus injusto.

À medida que os cristãos continuarem investindo uns nos outros, especialmente nesta situação difícil, como descrevemos, que o público de Hebreus enfrenta, Deus considerará isso como uma retribuição grata e, portanto, continuará a conceder favor aos clientes que se mostraram para seja nobre, saiba valorizar um presente. E então em Hebreus 10.19-24, já que temos a ousadia, já que recebemos este dom de confiança para entrar nos lugares santos pelo sangue de Jesus, para ir onde nenhum sacerdote levítico foi capaz de ir antes, consideremos uns aos outros até uma efusão de amor e boas obras. Você sabe, mais uma vez, a recepção de tais dons sem precedentes de Deus deveria nos impelir a servir como Deus gostaria que servissemos, o que, na verdade, não é servir para o benefício direto de Deus, mas é servir para dar como Deus quer que demos. , para beneficiar o resto dos filhos de Deus.

Assim, continue a construir a comunidade cristã e a capacitar cada irmã ou irmão que a sociedade possa ter como alvo para perseverar na sua lealdade. Agora, há um outro lado de Hebreus. Por um lado, ele incentiva uma resposta sincera e grata a Deus de honrar, de permanecer leal e de servir.

Por outro lado, ele também domina muito bem a vara, alertando os cristãos contra a ingratidão. E grande parte de Hebreus, Hebreus 3:7-4:11, 6:4-8, 10:26-31, realmente usa o tópico da ingratidão e o perigo da ingratidão, a feiúra da ingratidão, para motivar uma resposta de gratidão. , tal como temos falado. Então, para começar com Hebreus 3:7-4.11, o autor está exortando os ouvintes a continuarem valorizando os dons que receberam, a continuarem mostrando lealdade e a continuarem confiando e avançando em direção aos dons de Deus.

E ele olha para um exemplo de pessoas que não conseguiram fazer exatamente isso. Você sem dúvida está familiarizado com a história da geração do Êxodo, em nome de quem Deus enviou praga após praga sobre o Egito, eventualmente ganhando-lhes a libertação, e através de Moisés os tirou da escravidão no Egito no caminho para uma terra prometida que Deus disse que os daria. E Deus mostrou alguns milagres impressionantes de libertação ao longo do caminho, como abrir o Mar Vermelho para que pudessem caminhar em terra firme.

E se isso não bastasse, derrubar o mar sobre seus oponentes enquanto eles os perseguiram, fornecendo maná, codornas e água no meio do deserto, e simplesmente esbanjando presente após presente, um ato de ajuda oportuna após ajuda oportuna sobre este assunto. geração. E o que acontece? Eles chegam ao limiar da terra prometida e enviam algumas pessoas, um representante de cada tribo, para descobrir como será a tomada desta terra. E o relato da maioria desses batedores, acho que os cananeus os chamariam de espiões, seria, não há como tomarmos esta terra.

Não, não. São cidades muradas e soldados bem treinados e fortemente armados. Não vamos tomar esta terra.

Então, o resultado deste relatório é que as pessoas acreditam que Deus mentiu para elas. O povo deixa de confiar no seu benfeitor divino. Basicamente, dizem que não queremos avançar em direção ao que Deus prometeu que nos daria porque claramente o custo é muito alto.

E parece não haver garantia de que ele conseguirá nos ajudar. Então, vamos eleger um novo líder e voltar ao Egito. E pelo menos lá sabíamos de onde viria a nossa próxima refeição.

Bem, a resposta de Deus a isto em Números 14 mostra claramente a resposta de um benfeitor ofendido. Deus está ciente, em Números 14, de quantas vezes ele mostrou a essas pessoas que poderia libertá-las e de quantos sinais de sua boa vontade e de seu favor para com elas ele concedeu. E agora ele está provocado porque decidiram que ele não é confiável.

E então, eles não vão, não só não vão confiar nele, como não vão obedecê-lo. Eles não vão agir contra os cananeus. Eles adotarão uma abordagem totalmente diferente para garantir seu futuro.

Portanto, a resposta de Deus é uma resposta de raiva, a raiva do benfeitor ofendido. E o resultado é a exclusão de toda aquela geração, com exceção de Calebe e Josué, os únicos dois espiões que dizem, vamos lá, Deus está do nosso lado, podemos levá-lo. A exclusão de toda aquela geração do favor prometido.

Eles não entrarão no meu descanso, como jurei na minha ira. O autor então faz uma conexão óbvia com seus destinatários. Não queremos ser como eles.

Nós também experimentamos incríveis favores divinos. Experimentamos os dons do Espírito Santo. Vimos o poder de Deus operando em nosso meio.

E ouvimos a boa palavra de Deus que diz: Estou trazendo você através de Jesus para uma terra prometida, para uma pátria eterna, uma cidade permanente. Não queremos ser como a geração do Êxodo e, no limiar de entrar nessa promessa, tropeçarmos ao dizer ao nosso benfeitor que não confiamos em ti. Achamos que a oposição é realmente muito dura.

E então, vamos desistir. Na mesma linha, o autor retorna ao tópico de, por favor, não mostre ingratidão a um benfeitor tão poderoso em pelo menos duas outras ocasiões nesta carta. Em Hebreus 10:26 a 31, lemos que se pecarmos voluntariamente depois de recebermos o conhecimento da verdade, não restará nenhum sacrifício pelos pecados, mas apenas uma perspectiva assustadora de julgamento e um fogo que está ansioso para devorar o contrário.

Qualquer pessoa que deixe de lado a lei de Moisés morre sem piedade pelo depoimento de duas ou três testemunhas. Quão pior punição você acha que merecerá aquela pessoa que pisoteia o filho de Deus, que trata o sangue pelo qual ele ou ela foi santificado como algo comum e que insulta o espírito da graça? Nesta passagem, notamos algumas coisas. Quero dizer, primeiro, pecar deliberadamente aqui não está no contexto do sermão, apenas qualquer pecado antigo que possamos cometer deliberadamente.

Ele tem um pecado que é muito específico em mente. Ele acabou de falar sobre dois versículos antes. Aquelas pessoas que começaram a abandonar a reunião.

Aquelas pessoas que, por causa da falta de afirmação do próximo, digamos melhor, por causa da vergonha que os seus vizinhos lhes depositaram, decidiram que a aceitação e a amizade do mundo são mais valiosas do que a aceitação, a amizade e as promessas de Deus. Este é um pecado intencional, diz o autor. Você não está apenas tomando uma decisão sábia.

Você está dizendo a Deus que seus dons e suas promessas não valem o que custam para serem cumpridos. Eu não estou avançando. Não vou continuar a pressionar contra a resistência que preciso por parte das pessoas que não te conhecem.

Também não é apenas desistir, segundo o autor. É pisar no filho de Deus. É tratar o sangue de Jesus, que santificou o cristão, como algo sem valor, simplesmente como sangue de um homem comum.

É um insulto ao espírito divino que concedeu favor. E assim, usando essas imagens, o autor realmente enquadra o que poderia parecer uma decisão sensata. Simplesmente não estamos mais nos dando bem como cristãos nesta cidade e talvez tenhamos cometido um erro.

Ele está reformulando isso em termos da experiência do favor divino do próprio cristão. Se você se voltar contra ele agora, o que você realmente está dizendo? Você está dizendo que Jesus não merece a honra de suportar dificuldades por ele. Você está dizendo que o sangue dele derramado por mim não vale a pena derramar sangue por ele ou menos.

Você está dizendo que a maneira como Deus o recebeu graciosamente com favor e braços estendidos é algo pelo qual você está disposto a dar um tapa na cara para retribuir o insulto. Então, obviamente, o autor de Hebreus usa esses escritos de forma muito eficaz para fazer um cristão pensar duas vezes antes de obter alívio temporário ao retornar ao seio da sociedade incrédula. Isto nos leva, é claro, a Hebreus 6:1 a 8, que é, como eu disse, provavelmente a passagem de advertência mais elaborada e famosa em Hebreus.

É como se fosse um centro teológico de tempestade em alguns círculos, e chegaremos a isso em breve. Hebreus 6:1 a 8 segue um curso de argumentação bastante direto. Em Hebreus 6:1, o autor propõe um curso de ação que ele deseja que todos os cristãos tomem.

Deixando então para trás os princípios fundamentais de Cristo, deixemo-nos levar até ao ponto final da nossa jornada. Lembre-se, foi isso que a geração do deserto não fez. Eles pararam na soleira antes do final da jornada.

O autor não quer isso para os cristãos, então ele está dizendo, vamos prosseguir até o fim. Continuar no caminho do compromisso em vez de recuar, afastar-se ou abandonar a igreja. E ele apoia esse apelo à ação com um argumento contrário.

O que significaria se não insistíssemos? O que significaria se não perseverássemos na fé cristã? E assim, lemos em 6: 4 a 8, é impossível levar mais uma vez ao ponto de partida do arrependimento aqueles que foram decididamente iluminados, que provaram o dom celestial e participaram do Espírito Santo, e que provaram A boa palavra de Deus e os poderes da era vindoura, e que caem porque crucificam Cristo novamente para seu próprio dano e o expõem à desgraça pública. Agora, devemos notar que o autor não está apresentando esses indivíduos hipotéticos em termos daqueles que foram salvos ou daqueles que parecem ter sido salvos, mas não são realmente salvos ou qualquer construção desse tipo. Eu li muitos artigos onde essa é a questão.

O autor está descrevendo pessoas que são salvas? Deixe-me ser franco aqui. O autor de Hebreus não fala da salvação como uma realidade presente em nenhum momento do sermão. Ao contrário de Efésios, o autor de Hebreus apenas fala sobre a salvação em termos de futuro.

Os anjos são espíritos ministradores enviados em nome daqueles que estão prestes a herdar a salvação em 1:14 ou possivelmente 1:13. Mais tarde, no final do capítulo 9, Jesus, que veio de uma vez por todas para lidar com os pecados, aparecerá uma segunda vez para a salvação daqueles que o esperam ansiosamente. Então, para descartar tudo isso, gostaria de permitir que diferentes autores das escrituras apresentem esses conceitos em seus próprios termos. E assim, até mesmo falar sobre os indivíduos em 6.4-5 como pessoas que são salvas ou não são salvas, ou que parecem salvas, mas não são salvas, é usar uma linguagem que o autor de Hebreus simplesmente nunca usa.

São pessoas que param no caminho da salvação, no que lhe diz respeito. São pessoas que jogam fora a libertação que Deus preparou para elas porque dão um tapa na cara de Jesus. Como ele os apresenta? Ele os apresenta como destinatários de chuva após chuva de dádivas e favores divinos.

Ele mostra a essas pessoas como seria feio falhar, pedir desculpas e deixar de viver uma resposta de gratidão. Observe que apenas o inglês, eu acho, representa isso tão bem quanto o grego. Mas em grego, há cláusula participial após cláusula participial descrevendo essas pessoas como o público que recebe presente após presente de Deus.

Estes não são dons comuns, mas sim uma antecipação dos poderes da era que está por vir e uma participação no Espírito Santo e no que você tem. E essas pessoas se viram e levam Jesus à desgraça pública, crucificando-o novamente, na verdade, dizendo aos seus vizinhos: você está certo, você está certo. Ele não é o filho de Deus pelo qual vale a pena morrer.

Ele é apenas um criminoso que morreu numa cruz e não merece mais nada de mim. Quão feia seria tal resposta. Assim, ele deixa claro aos ouvintes que, se fizermos qualquer coisa além de avançarmos até o fim de nossa jornada, como ele diz em 6:1, estaremos trazendo desgraça pública sobre nosso benfeitor e demonstrando desprezo público por suas caras dádivas.

Portanto, deveria ser impensável, do ponto de vista de termos sido tão talentosos e com um custo tão grande para o doador, Jesus, que foi crucificado em nosso nome, não continuar na lealdade e na confiança. A suposição cultural básica aqui, que sustenta o autor de Hebreus tanto quanto o faria com um escrito de Sêneca ou Diócritos, é que aqueles que honram seus benfeitores são todas pessoas

consideradas dignas de favor. Mas aqueles que insultam os seus benfeitores não serão considerados merecedores de um favor.

Conseqüentemente, o autor afirma que é impossível restaurar essas pessoas ao ponto de partida. Como você vai se aproximar de Deus novamente para um novo começo depois de ter desfrutado de tantos presentes dele, de tantos favores inconfundíveis dele? Depois disso, cuspiu no filho como quem diz que a amizade do próximo é melhor que a amizade de Deus. Como há um retorno ao favor disso? Depois o autor avança em 6, 7 a 8 para apoiar o seu apelo à ação e apoiar este argumento do contrário com um argumento da analogia, da agricultura.

E assim, lemos, o solo que absorve a chuva que continua caindo sobre ele e produz vegetação que é útil para aqueles em nome de quem o solo está sendo cultivado recebe uma bênção de Deus. Mas se produz espinhos e abrolhos, é provado que não tem valor e está à beira de ser amaldiçoado. Seu fim é ser queimado.

Agora, é claro, há algumas ressonâncias claras do Antigo Testamento nestes versículos. Espinhos e cardos, por exemplo, em conexão com uma maldição, lembra Gênesis 3:17 a 18, onde após a transgressão prototípica de Adão e Eva, a terra é amaldiçoada por causa de seu pecado e produzirá espinhos e cardos e será trabalhada para ser frutífera apenas com muita dificuldade. E a oposição entre bênção e maldição no contexto da linguagem da aliança, é claro, lembra Deuteronômio como um todo, mas em particular, Deuteronômio 11:26 a 28.

Mas devemos também ter em mente que esta língua agrícola tem todo um outro conjunto de ressonâncias no mundo dos primeiros ouvintes. Ressonâncias com o contexto social da reciprocidade. A agricultura é muitas vezes o local ideal para uma analogia entre dar bem e retribuir bem.

Assim, em Sêneca, lemos vários exemplos. Não escolhemos aqueles que são dignos de receber os nossos presentes. A propósito, isso ocorre no contexto de sua explicação de por que os presentes muitas vezes não produzem o fruto adequado de gratidão que esperaríamos.

É porque não escolhemos aqueles que são dignos de receber os nossos presentes. Não semeamos sementes em solos desgastados e improdutivos, mas damos, ou melhor, deitamos fora os benefícios sem qualquer discriminação. Então, meio que recebemos de volta o que merecemos.

Mais adiante neste texto, deveríamos ter o cuidado de selecionar aqueles a quem daríamos benefícios, uma vez que nem mesmo o agricultor entrega as suas sementes à areia. E, mais uma vez, quando ele exorta os doadores a assumirem um risco num potencial beneficiário, não a esperarem por provas, mas apenas a procurarem alguns bons sinais e a assumirem um risco, escreve ele, nunca esperamos pela certeza

absoluta sobre se um o destinatário ficará grato, pois a descoberta da verdade é difícil. Mas seguimos o caminho que a verdade provável mostra.

Todos os negócios da vida procedem dessa maneira. É assim que semeamos. Quem prometerá uma colheita ao semeador ? E no contexto de exortar um doador a continuar a dar mesmo a alguém que ainda não se mostrou realmente grato, escreve ele, o agricultor perderá tudo o que tem, desculpe, tudo o que semeou se terminar o seu trabalho. com a colocação da semente.

Só depois de muito cuidado é que as colheitas atingem o seu rendimento. Nada que não seja encorajado pelo cultivo constante do primeiro ao último dia chega ao estágio de fruto. No caso dos benefícios, vale a mesma regra.

Poderíamos também encontrar sentimentos semelhantes em textos judaicos, como as sentenças de pseudo-facilidades. Não fazer bem a uma pessoa má é como semear no oceano. Mesmo voltando ao Cântico da Vinha em Isaías 5:1 a 7, vemos muitas dessas dinâmicas em ação.

A reclamação de quem planta a vinha é que ela produz depois de todo o seu cuidado, depois de colocar as vinhas e apará-las e fazer uma cerca e construir uma torre e todo esse trabalho de cultivá-la, dá uvas verdes em vez de uvas que são úteis e bonitos. E Deus diz que era assim que Israel era. Eu dei tudo, dediquei todo esse cuidado a Israel. O que eu ganho? Em vez de justiça, um clamor.

Então, voltando então a Hebreus 6:7 a 8, vemos nesta analogia realmente uma espécie de reafirmação de Hebreus 6, 4 a 6. Esses destinatários, desculpe, esses cristãos têm sido os destinatários de chuva após chuva de bênçãos. O reino do favor de Deus caiu sobre eles repetidas vezes. Agora, se eles produzirem vegetação que seja útil para o bem daqueles para quem Deus os estava cultivando, eles serão abençoados.

Mas se tudo o que fazem é carregar espinhos e abrolhos para espetar os lados do Deus que os beneficiou, tudo o que podem esperar é uma maldição. Uma coisa interessante é que logo no parágrafo seguinte descobrimos que o tipo de fruto que devemos produzir é aquele que beneficia nossos irmãos e irmãs em Cristo, permitindo-lhes assim perseverar na lealdade ao seu patrono divino. Assim, a título de recapitulação, o argumento nesta passagem é primeiro, o autor propõe um curso de argumentação.

Continuemos avançando até o fim, respondendo a Deus com confiança, lealdade e gratidão inabaláveis. 6:4 a 8, porque realmente não podemos fazer mais nada se, neste ponto, nos afastarmos de Deus e dissermos aos nossos vizinhos, aos nossos vizinhos não-cristãos, vocês estão certos; A amizade de Cristo não vale o que me

custa mantê-la. Então fizemos algo indescritivelmente feio e trocamos o favor de Deus por nada além da expectativa da ira no final.

Então, o parágrafo seguinte, 6:9 a 12, afirma os ouvintes na medida em que até aquele ponto eles espelharam o solo bom. Eles demonstraram amor e fizeram o bem um ao outro. Lembre-se de 10, 32 a 34, mesmo quando alguns deles estavam na prisão, eles foram até eles.

Eles encorajaram o risco sobre suas próprias cabeças para dar encorajamento e assistência material aos cristãos que a sociedade mais tinha como alvo de vergonha. Portanto, a questão que o público enfrenta aqui é: que tipo de beneficiários continuarão a ser? Base ou honorável? Ingrato ou confiável? Mostrar-se-ão solo frutífero e assim receberão as maiores dádivas que ainda virão como recipientes adequados do favor contínuo de Deus? Ou acabarão por revelar-se solo ruim, o que provoca uma reação desagradável e até prejudicial? Agora, eu disse que esta passagem é uma espécie de foco para o debate teológico, especialmente em torno dos tópicos do pecado imperdoável e da segurança eterna. De qualquer maneira, você pode realmente lutar com este texto.

Então, em vários artigos e comentários, descobri que é aqui que a questão se concentra. O texto identifica o pecado verdadeiramente imperdoável, o ato após o qual simplesmente não há futuro com Deus? Por outro lado, para aqueles que defendem a segurança eterna, a questão é: como podemos moldar este texto para ajustá-lo à nossa doutrina, uma vez que parece sugerir que uma pessoa pode perder a sua salvação? Agora, já abordamos a última parte disso porque até mesmo levantar a questão de perder a salvação para o autor de Hebreus significa que você vai pegar o uso que Efésios faz da linguagem da salvação e insistir que o autor de Hebreus Hebreus fala nesses termos quando claramente não o faz. No entanto, o que considero realmente útil sobre o contexto cultural aqui é que isso nos leva a dizer: ei, ambas as perguntas estão erradas.

Ambas as preocupações violam o ethos da graça. Talvez você já tenha aprendido a lição número três, mas deixe-me deixar explícito o fato de que existem regras conflitantes que regem quem dá e quem recebe. Sêneca quase se deleita com o paradoxo de dizer que o doador deveria pensar dessa maneira, mas o destinatário deveria pensar de maneira totalmente oposta.

Assim, por exemplo, aquele que dá, deveria ser ensinado a não registrar a quantia dada. O outro, o destinatário, sente-se em dívida por mais do que o valor. No caso de um benefício, escreve ele, esta é uma regra vinculativa para os dois envolvidos.

Aquele, o doador, deveria esquecer imediatamente que foi dado. O outro, o destinatário, nunca deve esquecer que foi recebido. Ele diz: deixe o doador de um benefício segurar a língua.

Então, como doador, eu nunca deveria dizer, sim, ajudei fulano de tal. Deixe o destinatário falar para testemunhar a generosidade do doador. Mais tarde em seu livro, ele escreve, você sabe, quando um destinatário procura alguma ocasião para fazer um retorno, mas ainda não encontrou essa ocasião por causa dos recursos muito superiores do doador, aquele, o doador, deveria considerar que ele ou ela já recebeu o retorno em seu benefício porque o cliente esteve muito atento, mas sem sucesso.

Enquanto o outro, o destinatário, deve saber que não o devolveu. O doador deve libertar o outro enquanto o destinatário deve sentir-se vinculado. Agora, neste tipo de ambiente, fica claro que você realmente não pode prender a outra parte.

Para o doador, assumir o que deveria fazer levaria à feiúra. Bem, eu realmente não preciso devolver esse benefício porque o doador, se for nobre, não deveria se lembrar dele de qualquer maneira. Assim que você pensa sobre isso, você acaba desfigurando toda a qualidade do relacionamento.

Então, é com muitos argumentos sobre segurança interna, por exemplo, assim que dizemos, bem, você sabe, não há nada que possamos fazer que um doador tão generoso como Deus faça com que um doador tão generoso como Deus receba de volta o que ele deu. Ao fazer isso, fizemos algo que não era do primeiro século, algo que teria sido impensável para qualquer pessoa do primeiro século. Dissemos: eu, o destinatário, vou presumir o que o doador deve fazer.

O destinatário do favor do primeiro século sabe, bem, o que o doador deve fazer, mas o destinatário do favor do primeiro século sabe que ele ou ela precisa manter o nariz em seu negócio ou no negócio dela de responder bem e responder graciosamente e não vai presumir a graça. Então, há um grande perigo aí. Mas há outro perigo do outro lado, o lado do pecado imperdoável, e usando esta passagem para dizer, sim, está aí, e temos que ter cuidado para não fazê-lo, porque há algo que podemos fazer que tornará Deus nunca nos perdoe.

Isso é presumir a outra forma de presumir que, de facto, um doador nem sempre é livre para dar e que a generosidade de um doador poderá sempre superar o fracasso de um cliente em ser grato. Voltando a Sêneca, uma última vez, prometo, ele dá este conselho aos doadores, nomeadamente imitar os deuses. É claro que temos que ser cuidadosos na maior parte do tempo e dar às pessoas que sabemos serem virtuosas, mas, dane-se, os deuses nos mostram como dar com perfeição.

Eles dão sem pensar, nem mesmo na virtude de quem dá, desculpe, na virtude de quem recebe. Tão perfeita, tão irrestrita é a sua doação. Assim, embora os destinatários de favores sejam ensinados a nunca deixar de retribuir a gratidão, uma

vez que se espera que a ingratidão exclua alguém de todos os favores futuros, os doadores são ensinados a pensar de forma diferente.

Assim, escreve Sêneca, embora devamos ter o cuidado de conferir benefícios preferencialmente àqueles que provavelmente responderão com gratidão, há alguns benefícios que daremos mesmo que esperemos deles maus resultados, e concederemos benefícios a aqueles que não apenas pensamos que serão, mas que são conhecidos por serem ingratos. Fulano de tal não me retribuiu com gratidão. O que devo fazer? Sêneca diz, faça como os deuses.

Começam a dar benefícios a quem não os conhece e persistem em dá-los a quem é ingrato. Vamos imitá-los. Vamos dar, mesmo que muitas das nossas dádivas tenham sido dadas em vão, vamos dar até àqueles em cujas mãos sofremos perdas.

Se uma pessoa for ingrata, mesmo a essa pessoa darei um segundo benefício e mesmo que um bom agricultor supere a esterilidade da terra através do cuidado e do cultivo, eu serei o vencedor. Não é prova de espírito nobre dar um benefício e perdê-lo. A prova de um espírito nobre é perder e ainda dar.

Agora, como disse antes, doadores e destinatários conhecem os dois lados deste diálogo. Eles estão envolvidos em duas perspectivas muito diferentes, mas na maior parte, parecem ser capazes de respeitar qual perspectiva deve ser aplicada a eles em qualquer caso particular. O destinatário não presume o fato de que os doadores devem ser generosos de qualquer maneira.

Os doadores não confiam no fato de que os destinatários devem obter certos retornos. E assim, eu sugeriria que ambas as posições teológicas cruzam uma linha que um ouvinte deste texto do primeiro século saberia que não deveria ser ultrapassada. A doutrina da segurança eterna ultrapassa os limites ao ensinar os destinatários, mesmo que involuntariamente, a presumir o que o doador fará, em vez de focar os destinatários no que deveriam fazer para dar uma resposta adequada a tais presentes maravilhosos.

A ideia de pecado imperdoável ou de perda da salvação ultrapassa irreparavelmente os limites ao presumir o que o doador não fará e, em muitos casos, dar maus conselhos em conformidade. Concluindo, gostaria de deixar claro que um valor central e fundamental no mundo dos autores do Novo Testamento é este. A graça deve responder à graça.

O favor deve levar à gratidão e a uma resposta grata. Este contexto cultural, creio, fornece a chave para unir as declarações do Novo Testamento relativas à graça de Deus e ao que Deus deu com as instruções do Novo Testamento sobre como o cristão deve viver em resposta, num vínculo inquebrável. Isto é, se nos lembrarmos

da graça de Deus no contexto da dança da graça, poderemos começar a ter esta visão de como Deus trabalha para nos transformar.

Ele nos encontra como pecadores, mas nos concede seu favor. Reconciliação, reintegração e até mesmo adoção na família de Deus como filhos e filhas de Deus com base na mediação de Jesus em nosso favor. Esta incrível manifestação de amor e esta incrível demonstração de generosidade desperta gratidão e amor em troca no coração do discípulo que vai provar ser, de fato, um discípulo que é receptivo à graça, que recebe bem a graça.

E, portanto, minha vida como discípulo é subitamente diferente porque a força motriz é como vivo para ele? Como posso devolver a Deus a honra que corresponde à sua generosidade, a lealdade que corresponde ao seu amor, o serviço que corresponde ao seu dom? Agora, é claro, nunca será igual, mas esse é o ponto principal. Vivo toda a minha vida por ele porque, nas palavras do hino, um amor tão incrível, tão divino, exige minha vida, minha alma, meu tudo. Ou, voltando ao texto de Paulo em 2 Coríntios 5:15, ele morreu por todos, Cristo morreu por todos, para que aqueles que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que morreu e ressuscitou em seu nome.

Há um texto que nunca chega à estrada romana. Bem, não pode, porque é de 2 Coríntios, mas acredito que seja uma pedra fundamental no caminho da teologia e do discipulado paulino. O próprio Paulo conhece essa resposta ao escrever em Gálatas; não sou mais eu quem vive, mas Cristo vive em mim.

O que vivo agora na carne é que estou vivendo pela confiança no Filho de Deus. E assim, ele entende como a experiência da graça de Deus, que ele não deixará de lado, como a experiência da graça de Deus o impacta e deveria impactá-lo. Ele não viverá mais para si mesmo, mas para Jesus.

E Ele desafia-nos, como discípulos, a não vivermos mais para nós mesmos, mas para Aquele que morreu por nós, especificamente porque morreu por nós. E essa manifestação de favor merece uma vida em troca.